

Ris
25-2-37 = 2-3-38

I

6 homem que não podia parar

Hoje eu quero vo contar uma verdadeira
de minha juventude, um desses fatos que nos aconte-
ce uma só vez na vida. É uma lembrança trágica.
É curiosa, grotesca e filosófica!

Já posso contar, é dizer, os anos decor-
ridos depois dessa ocorrência. Sem personagens, por
certo, já estará morto. Não me dá trabalho de publica-
car o caso de quele homem estúpido e singular!

I

Chamava-se Homero Fabricius e sempre
vo toda a cidade por não parar nunca. Era sempre
que visto - caminhava. Encontravam-no andando
em diferentes lugares no mesmo dia. Era o diva-
ritimo em pessoa. Todos se suspendiam por sua ati-
vidade injunta. O homem não ficava quieto um
momento, sempre - andar, sempre - caminhar.

Homero Fabricius atain - a atenção de toda
- gente. É a ciência não se faz o par; comparem
também. É o satiro - em tipos de tão maníaco-
o xamiraram, mas foram obrigados a andar!
homem não parava nunca. Chamavam-no de
maníaco ambulatório e de outro nome, pro-

res. Todos quizeram saber de sua vida, mas a mim-
 guerra de disse nada. Na primeira vez me lembro
 vide fui obrigado a abandonar a quietude silenciosa
 dos meus livros para intervir-lhe. Vi-me forçado
 de a acompanhar-lhe por suas correrias infernais
 vis para conhecer toda sua agitação e toda sua
 filosofia, bem mais interessante do que sua doutrina.

II

- Não queira que ando porque quero. Não!
 Sou obrigado a caminhar! hoje fui muito dan-
 te. Na minha infância, conheci todos os enfer-
 midades possíveis. tive catapora, sarampo, quem-que-
 nia, tifo, e muitos outros males. Ao completar
 hoje anos, porém, fui atacado de tifo-typhus. Com-
 quei ficar bem por alguns anos, porém mesmo
 completamente curado. O médico e a minha
 família exultavam pelo surpreendente sucesso.
 Após um dia - e nunca mais o esqueci, dia
 maldito! - o mal voltou, e voltou para sempre!
 Levantava-me maravilhosamente, fiz o preparo dos ha-
 bituais, tomei café e chá. Não estava nada de-
 mais. Mas a progressão que eu ia andando, sentia

uma necessidade irresistível de andar mais, cada vez mais. Apressei o passo, corri e já mais que correr não me causava. De repente, repari que o farrasim do farrasim e me elle-vam irritados. Diminuí a marcha e comecei a andar naturalmente. Quando quiz parar não pude! Fui então me angustiar indescritível, como quem fica cego repentinamente! Que afflicção! Queria parar e não podia! Pensava que se parasse morreria. A minha vida estava naquele movimento. Então comecei a ter medo de parar, e continuei a andar, embora soubesse que todos os farrasim, embora me deixassem os pés. Tentava parar minha mão em uma pedra, pois com elle sentia a certeza de estar vivo. A minha vida limitava-se ao tamanho de minha flegma: ao parar, caía e não morria! E desde aquele dia eu ando sem parar; desde aquele dia tenho a certeza que morreria se não proseguir na minha eterna caminhada!

Vendo que Heros Fabricius não parava mais, fiz vê-la a minha condição de homem normal, e que não aguentava compulsi-lo mais. Como sempre, elle não querde parar. Então comecei

bar para descansar, enquanto ele deu uma volta pela quadriciclos. Passados quinze minutos fui encontrá-lo novamente e pedi para que continuasse em suas manobras.

— Bem-vê e P., em son o eterno andarilho. Sou o judeu errante de todos os dias, de todos os horas, de todos os minutos! Ando sempre, caminho eternamente. Vou onde, porque vou rápido. Vou para diante, para os lados, volto sobre os meus passos. Não paro nunca, não quero parar. A minha inabilidade sou o meu suicídio. Minha febre rápida. Vários dias, tive tentativas de parar para sempre. Não fosse sair à rua; sou logo apertado, espremido, eliminado. Vou não sair, sou todo o dia e fico o dia inteiro enquanto de uma porta e saindo por outra! Querho rugir, querho medo de sair! Não vou, se posso em mim mesmo. fico todo o tempo a me comparar com os outros, com a felicidade dos outros, com a normalidade dos outros. Eles param, eles terminam a passe, eles se abocam, e eu não posso fazer nada disso! Eles viajam de bande, de automóvel, de ônibus, eles se amam, e eu não posso

imita-las em nada disso! Talvez que carregar a
 minha desgraça por todos os cantos. Bem fides as
 partes em lito a minha dor. As minhas pernas
 já estão hipertrofiadas pelo exercício; e meus
 pés já estão inchados e doloridos de tanto andar. Mas
 a morte me incantará andando! Não tenho
 os mais os números dos que podem descansar,
 dos que podem sentar, dos que podem deitar! Não
 posso dormir e me alimento mal. Quanto mais
 dor, mais desejo de andar: eis o meu desespero, eis
 o meu delírio!

Neste ponto, Hanno Fabricius deixou
 repentinamente de falar e proferiu juramento. Como
 indagasse a razão dessa mudança brusca, ele respon-
 deu-me:

— Não julgue, porém, que me resolto con-
 tra o meu mal. Hoje sinto-me como um herói
 sobre fogo de minha anestesi- o motivo de meu
 orgulho. Não sou um homem vulgar, um homem
 ordinário, de quem nada se conhece. Não! Sou um
 solista - minha época. Toda época tem seus he-
 róis e seus homens representativos. Eu sou o meu-

VI

gema do meu tempo. Eu sou o homem fofo contra
o homem sábio. Sou a ação contra a contemplação.
Longe sou do deus pensante. Quando o homem come
ça a meditar, ele está necessariamente perdido. São os
povos e os deuses cegos ideais que nunca realizam.
Os homens sábios e poetas são refugios-se no ^{mundo} filosófico
que criaram. O homem fofo não chega a desistir
porque já realizou. O homem fofo é o ideal do mundo
dele. Ele não sente, ele não duvida; é populante, é
inquieto. Tem a coragem de agir, tem a coragem de ser.
Ele despreza a realidade vista de vida ao contrário sob o
da meditação. Seu pensamento é morto e suas
mãos. Ele vive, e ele se move. Ele não se move com
falsos artificiais, ele não deseja ser o que não é,
ele não vive de peças, ele não imagina. Ele sabe que
o pensamento morto, que a reflexão no tempo fi-
mido e triste, ele sabe que seu ideal está em sua
vida! Por isso ele não se eleva, não se eleva, não
se esconde. Ele despreza o concreto do histórico, o que
está ao futuro, a realidade ao ideal. Só ele é ho-
mem. Ele é o guardião do mundo contra os milí-
dio. Ele é o inimigo de todo o mal. Ele combate

Nirvana e a inação. Ele é adversário do esforço,
 do empenhamento, do acôr, da inércia. Ao pensamento
 não, ao sentimento, ao intelectual, do papel - ação diversa, global,
 específica, particular. Só pela ação se salvará o mundo,
 que o mundo tende a suicidar-se, a apimurar-se,
 de sua própria negação. Mas, o homem foi força, ele
 não, ele salv- o mundo! Ele se coloca contra o tra-
 nscido suicido do mundo, ele escreve mundo novo.
 Ele é o homem de sua consciência, que é - sua maior
 amiga, que o orienta, que o desafia, que o segura, e o faz sofrer.
 Ele liberta o homem de sua vida interior, de seus sentimentos
 si mesmo, do remorso, dos remordimentos, que o torturam
 matam. O homem na ação e que se de seus problemas
 de seus temores: ele vive simplesmente. Ele vê em cada mi-
 nuto uma finalidade, em cada movimento uma virtude
 feita. Por isso ele não quer perder uma instante im-
 mente, ele quer aproveitar todos os instantes. O homem que
 de a luta não conhece nemica, não é eterno como o
 tempo. Ele nunca diz não à vida, aproveita-a em todos
 momentos, seus e não. Ele não valoriza - vida, não
 um ta, não indaga, não quer saber. Ele é senhor do
 mundo. A natureza é sua ovelha. Ele domina e detém.

Ele brinca com o mundo; modifica-lo é seu passatempo. Ele transporta montanhas e faz seus mares. Separa continentes e abre canais. Inverte o ar e quebra a terra. Inverte as catástrofes e terremotos. Muda o curso dos rios e da vegetação nos pontos. O homo faber é onípotente e onipotente..."

Como eu disse novamente o início de cansado, o homo que não podia parar separar-se de mim enquanto eu ia descansar um pouco. Só então pude calcular o quanto tinha andado naqueles minutos. Fiquei admirado da minha energia, com, dias de entusiasmo, a encontrar-me com Homo Fabricius.

— Vejo que o K. tem toda a razão. Só conseguiria libertar de mim mesmo neste raro momento que andei agora, e pude observar que caminhámos muito, e...

Fabricius interrompe-me brevemente e continua:

— De fato, o K. fez uma viagem de outro ponto da minha filozofia de vida. Sube quantos volts o homo dá ao mundo e não parece nunca! Pois bem, dá 80 volts e qd. É pensar-se que há filozofos que vivem pálidos e tremulos numa gabinete sem ar, e morrem de